

A REPRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DA UNITA NO BOLETIM KWACHA-ANGOLA (1966-1973)

Jéssica da Silva Horing

Universidade de São Paulo
Departamento de Sociologia
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315
Cidade Universitária - Butantã
05508-010 São Paulo, Brasil

jessica.horing@gmail.com
ORCID: 0000-0002-2485-4524

A representação da trajetória da UNITA no boletim Kwacha-Angola (1966-1973)¹

O objetivo deste artigo é analisar a construção de uma narrativa de excepcionalidade pela UNITA durante a guerra de independência de Angola. Partindo de uma análise de 14 edições do boletim oficial de informações do movimento, o Kwacha-Angola, foram examinadas três estratégias de equiparação e diferenciação formuladas pela UNITA em relação aos seus oponentes para angariar apoio internacional: confecção de vocabulários de motivos, definição de um marco inaugural, e a elaboração dos seus calvários, formalizada na ideia de uma “longa marcha”. Os dados sugerem que essas estratégias foram sedimentadas como uma narrativa de superação da UNITA, que passou a integrar a cultura do grupo e foi ativada em contextos de crise.

Palavras-chave: União Nacional para a Independência Total de Angola, Angola, boletim Kwacha-Angola, narrativa, longa marcha

The representation of UNITA's trajectory in Kwacha-Angola bulletin (1966-1973)

This paper aims to analyze the configuration of a narrative of exceptionality by UNITA during the Angolan war of independence. Data derived from an analysis of 14 editions of Kwacha-Angola, UNITA's official information bulletin, were used to identify three strategies of equalization and differentiation employed by UNITA in relation to its opponents to achieve international support: the elaboration of vocabularies of motive, the definition of an inaugural date, and the narration of UNITA's calvaries, which was formalized in the idea of a “long march”. The data suggest that these strategies consolidated a narrative of overcoming, which was integrated in the group's culture and activated in contexts of crisis.

Keywords: National Union for the Total Independence of Angola, Angola, Kwacha-Angola bulletin, narrative, long march

¹ Texto escrito na variante brasileira da língua portuguesa.

Tendo como pano de fundo a atuação da UNITA² na guerra de independência de Angola (1961-1974), o objetivo deste artigo é analisar as estratégias discursivas empreendidas pelo movimento no boletim Kwacha-Angola, órgão oficial de informação e propaganda da UNITA, no período de 1966 a 1973. A análise perfez um conjunto de 14 boletins que, juntos, percorrem os anos de 1966 e 1968 a 1973, dos quais 13 constituem boletins Kwacha-Angola e 1 se trata de boletim emitido pelo Comitê Central da UNITA em 1968. Destinado a um público internacional mais amplo, o conteúdo desses boletins contém uma representação idealizada da UNITA, condensada numa narrativa de excepcionalidade sobre a trajetória do movimento e amparada em um vocabulário de motivos e um evento de fundação. Tendo em vista a natureza de propaganda do documento e a intenção pela qual foi confeccionado, o enredo narrativo apresenta caráter heroico como uma estratégia de comunicação de poder (Benford & Hunt, 1992). Nele, pode-se observar a justificação para a fundação da UNITA e a reconversão dos percalços políticos e militares do movimento, quando em comparação com seus oponentes MPLA³ e FNLA⁴, em narrativa de excepcionalidade, sacralizando a potência do seu projeto revolucionário a partir de sua trajetória de superação.

Lançando-se em verve pelo “terreno da mitologia” (Chaves, 2019), os dirigentes da UNITA aprenderam rapidamente que a propaganda também servia como arma de guerra (Bridgland, 1988, p. 72). Último dos três movimentos de libertação que coexistiram em Angola a surgir, a UNITA teve que compor com uma trajetória inicial oscilante e periférica e operar, de um lado, na contramão da já reconhecida tradição nacionalista do MPLA e FNLA, e, de outro, perante a resistência da Organização da Unidade Africana em fomentar novas divisões na luta de libertação nacional angolana.⁵ Das linhas de atuação abertas para justificar a sua existência, a elaboração da mitificação, sintetizada na construção narrativa de sua trajetória como ponto culminante da luta anticolonial em Angola, foi uma delas. Dessa forma, ao referir a construção de uma narrativa de excepcionalidade remeto às operações simbólicas realizadas pela UNITA no plano narrativo para, de um lado, justificar a fundação de um terceiro movimento face às experiências

² União Nacional para a Independência Total de Angola.

³ Movimento Popular de Libertação de Angola.

⁴ Frente Nacional de Libertação de Angola.

⁵ A FNLA foi reconhecida pela Organização da Unidade Africana (OUA) como único movimento nacionalista angolano em 1963, pelo que se recomendou que este movimento tivesse exclusividade no acesso à assistência internacional e que a existência de outras organizações fosse desencorajada (Bittencourt, 2011). Entretanto, na Conferência dos Chefes de Estado da OUA, realizada no Cairo em 1964 – ocasião em que Jonas Savimbi se demitiu publicamente de suas funções do GRAE e denunciou a estagnação da política anticolonial liderada por Holden Roberto e seu teor tribalista (Marcum, 1978, pp. 137-138) –, a OUA passou a reconhecer o MPLA em detrimento da FNLA. A partir de 1966 houve um esforço mais concreto da organização em reconciliar MPLA e FNLA em uma frente unida do nacionalismo angolano (Mbah, 2010).

já consolidadas de MPLA e FNLA, e, de outro, para contrastar seu projeto de libertação em relação ao de seus oponentes e, com isso, lançar-se como renovação e solução para os entraves da luta anticolonial, como será discutido ao longo do artigo.⁶

Por ter menos centralidade na trajetória da UNITA, explica-se a relativa ausência de estudos sobre sua atuação na guerra de independência e a priorização, ao contrário, de sua parábola ao longo da guerra civil angolana (1975-2002): ascensão (anos 1980) e queda (anos 1990). Para além disso, nota-se que no conjunto de estudos produzidos sobre a UNITA há clara priorização de determinadas tópicas, como é o caso das relações com a África do Sul e os Estados Unidos durante a guerra civil (cf. Burke, 2018; George, 2005; Gleijeses, 2002; Guimarães, 2001; Minter, 1994) e a economia política de guerra (cf. De Oliveira, 2015; Hodges, 2002; Malaquias, 2007; Reno, 2011). Como explica Pearce (2015), enquanto a Guerra Fria deu o tom para a primeira corrente, os estudos sobre economia de recursos afinaram a segunda. Podemos destacar ainda uma terceira linha, que explora o vínculo entre o movimento e a identidade étnica ovimbundu (cf. Heywood, 1989, 2000; Malaquias, 2000; Marcum, 1978; Martins, 2015; Pearce, 2015; Pélissier, 1978). Em termos de localização histórica, todos os três pontos, com exceção dos trabalhos clássicos de Marcum (1978) e Pélissier (1978), fazem eco fundamentalmente às décadas de 1980 e 1990.

⁶ A explicação mais difundida para as divisões do nacionalismo angolano, e que é usualmente mobilizada para explicar a fundação da UNITA, advém de uma correlação entre grupos étnicos de Angola e pautas políticas, corrente explicativa que tem como referências clássicas os trabalhos de Marcum (1969, 1978), Pélissier (1978) e Wheeler e Pélissier (1971). Marcum justifica a criação da UNITA a partir da fala de um de seus fundadores: Os partidos existentes tinham “um caráter essencialmente tribal” e sua influência era limitada a “São Salvador [UPA], Maquela do Zombo [PDA], e Luanda [MPLA]”. Portanto, os movimentos existentes não representavam “dois terços da população angolana”. “A UNITA deu aos Ovimbundu sua própria voz política” (Marcum, 1975, p. 4, tradução nossa). Dentro desta linha interpretativa é de destacar também os trabalhos de Heywood (1989, 1998, 2000) sobre a UNITA, autora que promove uma associação entre etnia, movimento e experiência formativa com missões cristãs. Em franco debate com estas produções há, de outro lado, a linha explicativa desenvolvida por Messiant (1994), cujo eixo explicativo para as divisões do nacionalismo angolano está nas diferentes experiências coloniais em Angola, que resultaram na formação de elites regionais com propostas distintas para o Estado independente. Para Messiant (1994), os três grandes grupos etnolinguísticos angolanos (Ovimbundu, Bakongo e Mbundu) não se traduziram diretamente nos três grupos anticoloniais (UNITA, FNLA e MPLA, respectivamente). Argumenta que a única exceção a isso, ainda que parcial, foi a situação dos Bakongo, bastante atípica em comparação ao resto de Angola, cuja marginalização em relação ao resto do país e a emigração ao Congo belga (atual República Democrática do Congo) permitiram a manutenção de uma consciência étnica. Para a socióloga, ao contrário do que aconteceu com a FNLA, a aproximação da UNITA com o grupo étnico Ovimbundu se deu como efeito da lógica da guerra civil – diretamente impactada pela Guerra Fria – e do desenvolvimento do poder estatal pelo MPLA. No que diz respeito à perspectiva dos agentes que compuseram as fileiras da UNITA, destaco um trecho da biografia de José Samuel Chiwale, em que rememora o primeiro encontro que teve com Jonas Savimbi, em 1965, na companhia de Tiago Sachilombo. Ele aponta que, ao expor sua experiência na UPA e no MPLA, Jonas Savimbi indicou que ambos não estavam a conduzir a luta de libertação nacional de forma correta e que era necessário empreender uma nova estratégia para a independência, “E tudo se resumia a uma simples fórmula: criar uma força política cujos líderes se fixassem no interior do país” (Chiwale, 2011, p. 58). A explicação de José Samuel Chiwale ratifica a gramática de motivos para a fundação da UNITA que é apresentada no conjunto de boletins Kwacha-Angola analisados neste artigo.

A análise de mídias elaboradas por movimentos armados é um dos temas ainda não explorados no caso da UNITA, mas sobre o qual estudos relevantes foram produzidos a respeito do MPLA (Bittencourt, 1999) e da FNLA (Brinkman, 2011, 2015). Assim como UPA/GRAE/FNLA e MPLA, que produziram jornais formais em série com um nome fixo (Brinkman, 2015), a UNITA também se aventurou na confecção de diversos materiais de divulgação e propaganda, com propostas estéticas e de conteúdo distintas, a variar de acordo com o público ao qual se destinavam, como foi o caso do boletim Kwacha-Angola. Embora a pesquisa de campo no Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa, Portugal) e a revisão da literatura secundária produzida sobre a UNITA não tenham dado pistas definitivas da periodicidade, variação temática e o público alvo do boletim Kwacha-Angola ao longo da guerra de independência, a análise de conteúdo sugere que as edições examinadas neste artigo se destinavam a um público mais amplo, sediado no exterior. Todos os boletins foram produzidos pelos escritórios da UNITA no Cairo e em Londres⁷ e, dos 14 boletins analisados, apenas um estava em língua portuguesa,⁸ os demais em língua francesa ou inglesa. Como será apresentado nas próximas seções, pelo tom, alvo e exortações presentes nos boletins depreende-se que o público ao qual se dirigiam era composto por angolanos residentes no exterior, países membros da Organização da Unidade Africana e outros países e grupos que poderiam ser convencidos a apoiarem o projeto da UNITA.

As edições Kwacha-Angola analisadas neste artigo não apresentam caráter homogêneo, havendo variação de volume, formato e tópicos, o que parece indicar gradação no domínio da forma e na institucionalização da própria UNITA ao longo de sua primeira década de atuação, e resposta a diferentes contextos de publicação. Por exemplo, o primeiro exemplar analisado não apresentava indicação de ano; foi possível depreender que se tratava do ano de 1966 após cotejar o documento com o padrão dos comunicados militares de outras edições.⁹ No segundo boletim analisado, referente ao mês de dezembro de 1966, há maior formalização, com indicação do número da edição e mês de publicação na capa. Aos poucos, essas informações passaram a ser exibidas numa folha de rosto. Em relação ao formato, há um padrão presente em quase todas as edições, composto de editorial, notícias da frente de combate e uma seção dedicada à solidariedade internacional. Os boletins também variam em volume: a primeira edição, de

⁷ Onde atuavam, respectivamente, Tony da Costa Fernandes, um dos fundadores do movimento, e Jorge Ornelas Sangumba, que se tornou Ministro dos Negócios Estrangeiros da UNITA em 1969.

⁸ Kwacha-Angola, Cairo, 1 (2), janeiro - fevereiro de 1968.

⁹ Este documento foi consultado no Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa, havendo a possibilidade de apenas faltar uma folha de rosto com esta informação.

1966, possuía 3 páginas de conteúdo, passando para 7 na edição de dezembro do mesmo ano, e para uma variação entre 7 e 12 páginas nos próximos números.

A partir de 1969 há uma novidade importante: criação de uma Edição Especial – esta, com ênfase no II Congresso da UNITA –, mais longa e contando com “documentos históricos” do movimento, além de entrevistas e cópia de artigos de imprensa. Sobre este último ponto é interessante notar que, enquanto nas primeiras edições havia apenas reprodução textual de trechos da imprensa que citavam a UNITA, a partir de 1969 os boletins contam com reprodução integral dos artigos sobre o movimento. Na maior parte, trata-se de entrevistas com membros do movimento, fundamentalmente Jonas Savimbi – mas não só –, reportagens sobre ações da UNITA e os reiterados pedidos de reconhecimento internacional junto à Organização da Unidade Africana. A reprodução de reportagens inteiras foi estratégia construída de par com as operações simbólicas expressas nos textos dos boletins, condensadas na formalização de vocabulários de motivos e na construção da narrativa de excepcionalidade. Todas as ocorrências deste tipo tinham como objetivo expressar ora a potência moral do projeto da UNITA, ora o gradual reconhecimento do movimento na cena internacional por meio de suas conquistas meritórias.

A despeito do baixo número de edições por ano encontrado para este período, foi analisado ao menos um número para cada um dos anos, com exceção do ano de 1967.¹⁰ O acesso aos boletins foi feito junto aos documentos da UNITA depositados no Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), em Lisboa, e através de fontes privadas. Para complementar a análise narrativa, particularmente a reconstrução do percurso de calvários da UNITA, examinei também biografias e autobiografias, em particular de três dirigentes centrais do movimento, a biografia de Jonas Savimbi produzida por Bridgland (1988)¹¹ e as autobiografias de Miguel N’Zau Puna (2019) e Samuel Chiwale (2011).

Fruto de uma escolha estratégica e relacional, a ação coletiva é mediada por interações estratégicas conscientes e pela cultura historicamente acumulada, nas quais os agentes atuam como transportadores e transmissores de significados e estão ativamente engajados na produção de novos sentidos para os participantes, antagonistas e observadores, buscando alterar as relações de poder existentes (cf. Benford & Hunt, 1992; Snow & Benford, 1988; Tarrow, 1992). Ao combinar a análise dos boletins Kwacha-Angola com a literatura produzida sobre cultura

¹⁰ A hipótese é que isso se deveu à crise vivida pela UNITA após o rompimento com o governo da Zâmbia, em 1967, e consequente exílio de Jonas Savimbi no Cairo.

¹¹ Fred Bridgland (1988) escreveu a biografia de Jonas Savimbi a partir de depoimentos do próprio. Embora costume ser lida na chave hagiográfica, ela é interessante justamente porque reproduz a narrativa mítica oferecida por Jonas Savimbi para a sua trajetória e a da UNITA.

e ação coletiva, argumento que determinados elementos narrativos formulados pela UNITA durante sua primeira década de atuação passaram a integrar a cultura compartilhada do movimento, funcionando como esquemas constitutivos de sua história coletiva (Fine, 1995). Estoques de narrações, símbolos, rituais e vocabulários de motivos funcionam como caixa de ferramentas (Swidler, 1986, p. 273) da qual movimentos fazem uso em diferentes contextos para influenciar plateias e atingir determinados fins e que, por produzirem identificação, facilitam a ação coletiva (Fine, 1995, p. 142).

Neste artigo, são analisados vocabulários de motivos e narrativas produzidas pela UNITA. Vocabulários de motivos (Benford & Hunt, 1992; Mills, 1940) fornecem razões ou argumentos direcionados à tomada de ação e, na ótica da Sociologia Política, são utilizados para analisar as justificações conferidas pelos ativistas e movimentos para determinadas ações, especialmente aquelas que possam gerar reações negativas. Motivos são construídos a depender do público e orientam a ação ao discriminar os objetos em questão por meio de vocalizações e adjetivações. As narrativas compõem os discursos construídos por movimentos e apresentam características que as assemelham à narração de histórias: série de eventos em ordem mais ou menos cronológica, conectados por uma série de personagens (Fine, 1995, p. 133). Compostas por uma dimensão moral, a função das histórias não é simplesmente representar a realidade objetiva, mas interpretá-la e torná-la inteligível ao público por meio de uma operação de sentido (Polletta, 1998). Por isso, as narrativas têm grande valor para a construção e reforço de identidades coletivas, posto que tornam possível o desenvolvimento de uma coerência na comunidade de ativismo e estabilidade em momentos de crise.

Não sendo diferente, a UNITA construiu seu próprio leque de estratégias e símbolos a variar de acordo com o contexto político, objetivo e alvos, os quais compuseram o roteiro ao qual recorreu para demarcar a singularidade e a dimensão mítica de sua trajetória. A construção da excepcionalidade na trajetória da UNITA foi um processo gradual, formalizado por ocasião de eventos que tiveram impactos na atuação do movimento, fundamentalmente aqueles que colocaram em questão sua própria sobrevivência. Estes elementos foram referenciados e atualizados ao longo das guerras de Independência e Civil, como parece ter sido o caso exemplar daquilo que chamo de narrativa de calvário, da qual descende o uso da ideia de “longa marcha”, elemento que tomou emprestado da história do Partido Comunista da China e que lhe serviu em ao menos três momentos de necessidade.

Da análise do conjunto de boletins Kwacha-Angola, reconstituo três estratégias de produção de significados confeccionadas pela UNITA neste boletim e que

integraram sua narrativa de excepcionalidade: vocabulários de motivos para a fundação do movimento, indicação de um marco histórico de sua luta e um relato de calvário. Os vocabulários foram veiculados ainda em 1966, mas passaram por apuração ao longo dos anos, costurando os outros dois elementos ao enredo principal, os quais foram confeccionados à medida em que dois eventos ocorreram. O primeiro foi o ataque inaugural da UNITA à vila de Teixeira de Sousa, em 1966, e o segundo, a reorganização – ou refundação – da UNITA em 1969, ocorrida após a “jornada de exílio” de Jonas Savimbi no Cairo e a crise interna vivida pelo movimento no interior de Angola. Narrativas míticas em torno de derrotas são fundamentais para elevar o moral da luta, produzir engajamento e fortalecer identidades. Apresento a composição de cada um dos elementos separadamente, que serão rapidamente cotejados, à guisa de conclusão, com a narrativa da “grande marcha” de 1976-1977.

Vocabulários de motivos

Dialogando com Benford (1993), foram identificados dois principais vocabulários de motivos que denotam os esforços da UNITA de equiparação e diferenciação. O primeiro deles, de “legitimidade”, buscou justificar a fundação da UNITA a partir do enquadramento da ineficiência dos métodos revolucionários de MPLA e FNLA e de sua baixa representatividade em relação à população angolana. O segundo, de “eficácia”, buscou expressar, em diálogo com o primeiro, a premência de renovação das estratégias da luta anticolonial para a consecução da libertação nacional, fundamentalmente a luta armada a partir do interior do país.

Em relação ao primeiro, a UNITA construiu um vocabulário de motivos que circunscreve a legitimidade de sua existência em pontos extraídos da própria história angolana. Os primeiros boletins (Kwacha-Angola, 1966b; UNITA Central Committee, 1968) expõem uma representação da UNITA como beneficiária das lutas do passado, enquadrando seu projeto como uma espécie de continuação das lutas históricas do povo angolano contra o colonialismo e contra a escravização (Kwacha-Angola, 1969a).¹² A explicação para a lenta expansão do nacionalismo angolano e para as divisões entre os movimentos gira sempre em torno dos mesmos temas: falta de comunicação entre as regiões norte e sul, disparidades sociais e regionais, composição elitista (racial e urbana) dos movimentos nasci-

¹² O boletim do Comitê Central da UNITA de 1968 dedica várias páginas ao tema, tomando o cuidado de enfatizar o papel ativo de angolanos contra a dominação portuguesa, de que são exemplo as diversas reações às campanhas de pacificação nos Dembos, Cuamato, Bailundo e pelo povo Cuanhama (ANTT, PIDE/DGS, F. G., 6573 CI (2) NT 7446, V. 3).

dos na década de 1920,¹³ e o distanciamento do MPLA e UPA, fundamentalmente suas lideranças, em relação ao povo angolano. No entanto, a despeito do fracasso de tais contestações anteriores, “*All these clashes and fights carried with them political theme and characteristics*” (Kwacha-Angola, 1966b), que serviriam de antessala da verdadeira revolução, na qual a UNITA surgiria como figura heroica.

De inspiração maoísta, o argumento central que explica o fracasso das lutas anteriores, conforme aponta o boletim do Comitê Central da UNITA de 1968, é que o seu “*success depends largely on the massive adherence of the rural population, the dominant class of the colonial and semi-colonial countries*”.¹⁴ Explica Chiwale: no projeto político da UNITA, “a luta deveria partir do campo para a cidade e não o contrário” (2011, p. 93). Isto é, em oposição à priorização, na mobilização política, dos trabalhadores das cidades, intelectuais e operários, no contexto nacional de Angola, como aponta Savimbi, não havia “nenhuma classe operária, organizada e entendida como tal, que pudesse constituir o fermento revolucionário” (Savimbi, 1979, p. 20). Daí a importância da conscientização e mobilização das populações do campo e da organização da luta a partir do interior do país.

A representação negativa dos seus oponentes, MPLA e UPA/FNLA, tem lugar privilegiado na justificação conferida à existência da UNITA. Termos utilizados para caracterizar esses movimentos, ou mais especificamente suas lideranças, giram em torno de posturas elitistas e da crítica ao que a UNITA chama de “política do exílio”. O apartamento de tais lideranças do povo tem três principais consequências. A primeira é que sem a mobilização do povo, este não toma consciência de sua situação colonizada e de sua identidade nacional, e, portanto, não há possibilidade de uma revolução total. A segunda é que, sem conhecimento profundo da cultura do seu povo, as lideranças são incapazes de aplicar os métodos revolucionários. A terceira é que o exílio produz acomodação, no sentido de conforto e comodidade, e a acomodação adensa os pontos anteriores e desgasta o moral, gerando desmobilização popular e estagnação da luta.

A confecção de vocabulários que indicavam a ineficiência dos seus oponentes servia, conseqüentemente, como ponto de justificação para a criação de um terceiro movimento anticolonial em Angola. Isso veio acompanhado da construção de códigos binários que simplificam a realidade social e produzem polos diametralmente opostos pautados por noções de bem e mal (Alexander, 2018). Um

¹³ No boletim do Comitê Central da UNITA de 1968, afirma-se que a presença de “mulatos” nos quadros dos primeiros movimentos apartou-os do povo, que os via como instrumentos da dominação portuguesa (ANTT, PIDE/DGS, F. G., 6573 CI (2) NT 7446, V. 3).

¹⁴ Nota-se aqui a preocupação com uma estratégia de recrutamento de um tipo específico de população. É possível estabelecer alguma semelhança com aquilo que veio a ser formalizado posteriormente como “teoria dos grandes números” (cf. Martins, 2015; Savimbi, 1979).

deles, orientado pela oposição entre “política de exílio” (MPLA/UPA/FNLA) e “revolução popular” (UNITA), serviu a um duplo propósito: associar as razões da lenta libertação de Angola aos limites de atuação de MPLA e UPA/FNLA e fundamentar a legitimidade que foi costurada em torno do projeto da UNITA. O quadro abaixo sintetiza algumas construções narrativas em torno desse código binário:

Tabela 1

<i>Edição Kwacha-Angola</i>	<i>UNITA</i>	<i>Eles (MPLA/UPA/FNLA)</i>
1966a	“Freedom fighters”	“Freedom beggars”
1968 (UNITA Central Committee)	“UNITA is the people in arms”	“Small bands infiltrated from outside the country without the support of the people”
1969a	“Real organization of the people”	“Revolution [...] by telepathy”
1970b	“The real liberation that will make the colonized Angolan a “New” Angolan man has to come from inside by waging a people’s war, relying on the creative power of the people, pursuing the policy of self-reliance, and adopt correct tactics and strategy against the enemy”	“The struggle led from the exiled headquarters is very dangerous, because it will breed the seeds of corruption, lack of initiative, international intrigues and inevitably leading the country and people to a neo-colonialist situation”

Fonte: Elaborada pela autora, com base em boletins Kwacha-Angola (1966a, 1969a, 1970b) e boletim do Comitê Central da UNITA (1968)

Claudicante em relação às trajetórias já consolidadas de MPLA e UPA/FNLA, a manobra da UNITA foi reverter pontos de superioridade dos seus adversários em fragilidades. Daí a UNITA associar o apoio internacional recebido por seus adversários com acomodação material e moral, o qual explicaria o retardo destes movimentos em organizar a luta a partir do interior do país. Outro ponto visto como fraqueza da UNITA, mas que ela procurou reverter em diferencial e sinal de sua vontade de mudança foi o fato de não receber armamentos de países externos. No primeiro ano de sua operação, a UNITA se congratulou por se basear, em termos logísticos, na captura de armas e outros equipamentos militares dos portugueses (Kwacha-Angola, 1966b), como fica claro na seguinte passagem:

Par le fait même que l’UNITA n’a aucune facilité dans aucun de ses pays voisins, ce qui aurait pu contribuer à la projection de la lutte de l’Angola dans le Monde, est un handicap dont nous sommes les premiers à en être conscientes, mais cela n’a pu et ne pourra jamais arrêter notre marche vers l’Indépendance, la Justice et le Progrès. Aussi nous constatons

que ce handicap n'avantage pas pour autant ceux qui usent et abusent de ces facilités que nos voisins ont depuis des décades mis à leur disposition. En toute dernière analyse, la victoire du Peuple Angolais sera arrachée de l'intérieur même de l'Angola avec l'effort du Peuple Angolais tout entier, notre seule force et seule force décisive à la victoire finale. (Kwacha-Angola, 1970a)

A partir desses enquadramentos, os boletins Kwacha-Angola enfatizam que a UNITA tem a legitimidade de criar um novo partido político “à partir du moment où l'indolence des anciens groupements angolais était la cause pour laquelle la lutte du Peuple Angolais perdait toute sa vitesse initiale” (Kwacha-Angola, 1970a). Assim, apontando que nasceu no momento de maior enfraquecimento da luta dos outros movimentos (Kwacha-Angola, 1970a), a UNITA enquadra sua luta como ponto alto para resolver as contradições (Kwacha-Angola, 1966b) e erros do passado, e reveste-se de dever moral: “The present generation has a historic mission and duty to carry out to the end, the struggle which the best children of eight generations past gave with their lives” (UNITA Central Committee, 1968). O prognóstico dá o tom para o vocabulário de “eficácia” do movimento:

Our revolution in the country (Angola) is the political development to a stage beyond which we cannot proceed by any other possible usual means. We apply this method as only the alternative way we are left with to sweep and wipe out the obstacles from our way of Freedom. This will never stop unless the obstacles and impediments in our way are all removed to have our political aims attained. (Kwacha-Angola, 1966b)

Um dos elementos centrais da doutrina da UNITA foi se apresentar como direção real do povo negro africano, priorizando, como aponta Messiant, sua “distinção racial (com os mestiços) e cultural (com os crioulos)” (1994, p. 166, tradução nossa). A adoção do maoísmo faz eco a esta necessidade de afirmação de sua africanidade, de um lado, e da novidade de seu projeto em relação ao MPLA e FNLA, posto que, ao contrário destes, a UNITA procurou demonstrar que não importou um “marxismo europeu”, mas optou pelos laços com o povo angolano, majoritariamente rural (Messiant, 1994, p. 166). Dessa forma, em 1966, mesmo ano em que é anunciada a fundação da UNITA, o movimento já se apresentava como “the only genuine african political organization operating in the Southern and Central Provinces of Angola” (Kwacha-Angola, 1966a) – embora sua presença fosse ainda residual –, e que “During this short period of existence, [...] has achieved what the world never dreamed of – mass organization. No-one believed that organization was possible in Angola, because there was no room left for political reforms” (Kwacha-Angola, 1966a). Independente para esta análise a veracidade dos fatos, o universo visado é o da construção da propaganda política.

Ao contrário da política do exílio, a concepção da luta armada da UNITA “*emanates from a deep Angolan sense of nationalism which stems from our history, customs and social organisation*” e, por isso mesmo, “*the ideas of freedom are readily understood by the majority of the Angolan people*” (Kwacha-Angola, 1969a), tornando-se “*an invincible weapon against the oppressors and exploiters of the Angolan people*” (Kwacha-Angola, 1969a). Sabendo que a luta de libertação seria longa, a UNITA entende que dependeria do povo, posto que somente “a maioria do povo angolano conhece o inimigo [...]. Somente esta maioria dispõe das palavras adequadas para mobilizar toda a nação contra o colonialismo Português” (UNITA Central Committee, 1968), posto que “*The profound sentiments and feelings of the Angolan people are a complex mixture of religious feelings, beliefs, social structure, cultural inheritance, linguistic differences, etc.*” (Kwacha-Angola, 1969a). Em outras palavras: “*A liberation war must be a people’s war – fought by the people, and for the people*” (Kwacha-Angola, 1969a). A adoção do maoísmo pela UNITA, e a priorização de suas atividades com as populações rurais no interior de Angola, foi nessa direção (Messiant, 1994).

Na biografia de Savimbi, Bridgland (1988, pp. 73-74) relata que a divulgação da fundação da UNITA foi em si um ato estratégico. Em Champay, Suíça, Tony da Costa Fernandes e Jonas Savimbi decidiram, em outubro de 1964, que era essencial que a inauguração acontecesse dentro de Angola. Essa especificidade também é evidenciada quando, em petição ao Comitê de Descolonização das Nações Unidas, a UNITA assina: “*From the jungles of Angola*” (Kwacha-Angola, 1969a). Ao viver junto ao povo, a UNITA antecipa a tarefa de adaptação das doutrinas revolucionárias importadas à realidade concreta de sua luta, acelerando a disputa pelo êxito com seus rivais e afirmando a eficácia de seu projeto revolucionário. Tendo em vista que os líderes da UNITA “*rely on the masses first and external assistance comes second*” (Kwacha-Angola, 1966b), o movimento se posicionava como o único partido na história política de Angola que cumpriu o princípio de luta com o povo, a partir da realidade objetiva nacional (Kwacha-Angola, 1966b), sendo responsável por “*bring about political consciousness in the country. Today, UNITA is in control of all the people in Angola*” (Kwacha-Angola, 1966a). Combinando os vocabulários de motivos de “legitimidade” e “eficácia”:

There is no shortcut to freedom, there is no cheap way of getting liberation. Angolans in Angola must pay the price for it. The highest price for freedom in Angola is the Angolan blood [...]. Portugal will surely be defeated by an Angolan people’s war guided by a revolutionary leadership who are led by the scientific principles of Marxism-Leninism which they must relate to the Angolan specific conditions. (Kwacha-Angola, 1972a)

Ou, refinando melhor, “*Long live the ever invincible People’s War*” (Kwacha-Angola, 1970b).

Marco inaugural

O objetivo inicial da UNITA foi causar impacto por meio de “ações espetaculares para chamar a atenção da opinião pública nacional e internacional” (Chiwale, 2011, p. 105) e provar sua existência. Na ação coletiva, as ações são orquestradas como atos públicos para dar visibilidade a quem os faz, dramatizar posições diante de plateias distintas e se demarcar dos alvos das ações (Dowbor & Szwako, 2013). Seguindo os passos de UPA e MPLA, a UNITA buscou atribuir significado para uma data inaugural de sua luta anticolonial e elaborá-la como marco fundador do nacionalismo angolano. O evento escolhido foi o 25 de dezembro de 1966, data do ataque à base militar colonial de Teixeira de Sousa.

Teixeira de Sousa era uma vila na fronteira com o Zaire, onde termina a parte angolana do Caminho de Ferro de Benguela. Cuidadosamente planejado, Bridgland descreve na biografia de Jonas Savimbi que três foram os alvos do ataque: casernas dos portugueses, o aeroporto e a cadeia – quartel-general da PIDE (1988, pp. 81-82). Como resultado do ataque, todos os prisioneiros foram libertados, o chefe local da PIDE foi preso, armas foram capturadas, mas as forças da UNITA não conseguiram chegar ao aeroporto e às casernas. Marcum (1978) aponta que foram quase trezentos os mortos de uma “*poorly armed, little-trained force of mostly Chokwe attackers*” (p. 192). Jonas Savimbi, a quem Bridgland dá voz, aponta que:

Pela contagem das baixas, Teixeira de Sousa foi uma derrota e uma aventura temerária para a UNITA [...]. Contudo, a arremetida possuía objetivos propagandísticos, não militares. Teve um tremendo impacto psicológico nos Portugueses, que encerraram durante uma semana o Caminho de Ferro de Benguela [...] forçando assim o mundo a saber da entrada da UNITA na guerra de Angola. Mais tarde, esta arremetida transformar-se-ia numa data símbolo do pragmatismo da UNITA, da mesma forma que o 4 de fevereiro de 1961 e o 15 de março de 1961 constituíram marcos importantes para o MPLA e a FNLA/GRAE. (Bridgland, 1988, p. 82, grifos colocados)

Chiwale (2011) aponta que foi “um ataque sem precedentes que deu a conhecer ao mundo a existência, em Angola, de uma outra organização política” (p. 109), e Ernesto Mulato, outro membro da primeira geração da UNITA, diz que: “Com este ataque, a UNITA entrava no concurso da luta de libertação nacional com novos métodos, diferenciando-se dos dois primeiros movimentos, a UPA/FNLA e o MPLA” (Mulato, 2014, p. 35). Nos boletins Kwacha-Angola o evento

é descrito como marco inaugural de abertura da Frente Leste em Angola (1969c) e como marco do povo de Angola (Kwacha-Angola, 1970b). Para comprovar a potência da ação, menciona-se que o Governador Geral de Angola, Rebocho Vaz, foi verificar a situação pessoalmente e que:

The president of Portugal, Americo de Deus Tomaz in his New Year's message to the Nation said: "There are in our days *two memorable dates in our Nation*. One is the 15th March, 1961 which we learn to forget and *the other is the 25th December, 1966 which we just experienced*". (Kwacha-Angola, 1970b, grifos colocados)¹⁵

A dramatização pública orientou todas as ações seguintes que foram orquestradas pela UNITA, o que, entretanto, não significou sucesso em todas, afinal, como aponta Alonso (2012, p. 31), "repertórios são aprendidos durante performances confrontacionais" e envolvem "Escolha, interpretação, compreensão, improviso, aprendizagem". O ataque de Teixeira de Sousa foi exemplo disso, haja vista que verteu problemas para a relação da UNITA com o governo da Zâmbia, posto que o transporte do cobre ficou paralisado por uma semana com o fechamento da ferrovia. Embora o alvo fosse desestabilizar a economia colonial, o efeito foi reverso e, como resultado disso, em junho de 1967 Jonas Savimbi foi preso por seis dias em Lusaka, e a UNITA, proibida de exercer atividades no país (Bridgland, 1988; Chiwale, 2011; Puna, 2019). Liberado da prisão, Savimbi se estabeleceu no Cairo, onde foi obrigado a viver sua própria "política do exílio", inaugurando a primeira das muitas crises pelas quais a UNITA passou em sua história de confrontação militar.

Calvários: "To fight is to suffer"¹⁶

Os eventos de 1967 inspiraram a narrativa da via sacra da UNITA. Chiwale (2011) caracteriza esse período como um momento sombrio para os quadros da organização no interior, que passou por grandes dificuldades, a iniciar pelas deserções, as medidas de reorganização, marginalização nos países vizinhos, a presença do MPLA nas áreas libertadas pela UNITA e as primeiras traições de elementos que treinaram em Nanquim: "O desespero era total" (p. 115). Após nove meses de exílio, Savimbi regressou a Angola em 28 de julho de 1968 com a ajuda da SWAPO¹⁷ (Chiwale, 2011; Marcum, 1978; Puna, 2019).¹⁸ Acompanhado

¹⁵ Trecho idêntico é reproduzido na biografia de Jonas Savimbi (Bridgland, 1988, p. 82).

¹⁶ UNITA Central Committee (1968).

¹⁷ Sobre as relações da UNITA com a SWAPO, cf. Shigwedha (2014).

¹⁸ Segundo Marcum (1978, p. 193), até o golpe de abril de 1974, Savimbi permaneceu na clandestinidade.

de Miguel Puna, que fazia sua entrada nos *maquis*, o imperativo dos anos seguintes foi reorganizar o movimento e responder aos desafios das novas linhas de frente. A II Conferência do Partido, realizada em 1969, e a Conferência de Quadros, em 1970, serviram a este propósito e a todos os membros funções foram delegadas (Puna, 2019). De todo modo, os desafios adensaram entre 1969 e 1971, com a presença significativa de forças do MPLA na Frente Leste e uma novidade: os ataques da FNLA ao norte, que os atingia sob liderança de Mwanangola, dissidente da UNITA (Puna, 2019, p. 101). É interessante notar o enquadramento feito por Miguel Puna sobre o período:

A verdadeira organização da UNITA só começou a partir de 1970. Nos dois anos anteriores, as dificuldades e as carências eram mais que muitas. De toda a forma e feito. Se quiserem saber, é só perguntar aos que andaram por lá, aos que fizeram a *longa marcha* que nós fomos fazendo, na maior parte dos casos, a pé. Uma *marcha* que só não era forçada porque queríamos lutar por aquilo que era, afinal, a nossa obrigação-missão. (Puna, 2019, p. 77, grifos colocados)

Esse trecho da autobiografia de Miguel Puna desvela uma construção simbólica de fundo da UNITA, não tão evidente, embora central no enredo de sua narrativa, associada a duas ideias centrais: “retorno para casa” e marcha de calvários. O retorno para Angola de ativistas vivendo ou exilados no exterior é mobilizado para contrapor um estilo de luta caracterizado pelo protagonismo de grupos elitizados, apartados do povo, associado ao MPLA e à UPA/FNLA. Esse elemento narrativo aparece nos boletins subsequentes à reentrada de Jonas Savimbi em Angola (Kwacha-Angola, 1969a). Posteriormente, em entrevista sobre a fundação da UNITA, Savimbi aponta que: “*from the very beginnings of our Party, the aim, the goal, the line that we set forth was to RETURN HOME*” (Kwacha-Angola, 1972b). A formalização desse enredo, que é diretamente associado à oposição entre “política do exílio” e “revolução popular”, veio acompanhada de atribuição de valor moral, onde os líderes deveriam “voltar para casa”, lutar ao lado do seu povo (Kwacha-Angola, 1972b) e estar preparados a pagar o preço da libertação nacional.

Se a partir de 1969 surge novidade de enredo em torno dessa ideia, a partir de 1970 há mobilização mais direta da noção de “longa marcha”, ambas dando forma à narrativa de calvários e superação. Essa operação narrativa adensa a confecção de um mito em torno da trajetória do movimento, amparado numa gramática, para usar o termo de Beck (2012), de superação. Mediada por mudanças no contexto político, a partir desse momento a narrativa se direciona aos diversos percalços que a UNITA teve que superar, havendo descrições mais detalhadas a

uma “guerra fratricida” – referência às negociações ensejadas pelos governos de Kinshasa e Brazzaville a partir de 1972 para a formação de uma frente unida entre MPLA e FNLA – e a uma “conspiração do silêncio”, denúncia feita por Jorge Sangumba (Kwacha-Angola, 1972b) acerca do baixo interesse internacional pelo projeto da UNITA. Este ponto explica o aumento considerável das menções à própria Organização da Unidade Africana e a crítica à sua estratégia de reconhecer um único movimento em cada país (Kwacha-Angola, 1969c).

Para acrescer sua narrativa de calvário, a partir de 1970 a UNITA começou a cotejar sua trajetória com a experiência vivida pelo Partido Comunista da China (cf. Kwacha-Angola, 1970b; Kwacha-Angola, 1972b; Kwacha-Angola, 1973). Note-se, por exemplo, a continuação da fala supracitada de Jorge Sangumba: “*Pendant combien de temps les ennemis de Mao avaient-ils nié la Longue Marche? L’armée de Mao n’a-t-elle pas été accusée d’être une colonne de bandits en haillons, ravageant tout sur leur passage?*” (Kwacha-Angola, 1972b). Além de utilizar a metáfora da “longa marcha”, a UNITA também explora uma ideia de fundação mítica, baseada na vontade de 11 homens treinados na China – mais Savimbi – que fundaram o movimento no interior do país, os quais, a despeito do caráter imberbe da organização, “*To show their devotion and determination [...] are prepared to fight the Portuguese even without weapons*” (Kwacha-Angola, 1966a). Um trecho longo, mas fundamental, de uma reportagem do jornal francês *Le Monde* que é anexada a um boletim traduz essa narrativa de progressão do movimento, embora, nesta época, a UNITA não fosse expressiva da maneira como indica a reportagem:

How UNITA has developed from a weak to a Strong and durable political movement inside Angola? Le Monde of February 11th 1970 pointed out that when UNITA began guerrilla operations in 1966, it only had 11 fighters with one machine gun, two rifles and bows and arrows. Now its military organization, FALA, has more than 3.000 well-trained guerrilla fighters who are highly disciplined and capable of not only destroying bridges and highways but also of conducting batallion-sized campaigns on a relatively large scale. From a scattered, weak, small organization UNITA developed into a Strong and well disciplined force of politically conscious men, because the guerrilla operations and the leadership of the party have been guided by scientific methods of appraising concrete situations relating to the struggle, guided by the principles of democratic centralism, and capable of analyzing situations correctly and comprehensively arising from the reality that prevails inside the country. The guerrilla movement has been built on a political basis always having the politics in command and naturally the support of the people. This is the dialectical process of the development of the struggle developing from lower to higher stages, meeting difficulties,

hardships, misunderstandings, regression sometimes, but always making headway towards final victory. (Kwacha-Angola, 1970b)¹⁹

A construção do mito fundador da UNITA, expresso na trajetória de 11 homens que treinaram na China tem relação estreita com a experiência objetiva de treinamento militar da primeira geração de membros da UNITA, ocorrida em 1965. No entanto, como aponta Beck (2012, p. 89), essa versão mítica esconde a diversidade das redes sociais que estiveram na origem do movimento e tem uma função estratégica fundamental de reconversão de pontos negativos em superação. Chiwale (2011), que fez parte do referido grupo, caracteriza seu percurso de entrada em Angola, em 1965, como uma “grande odisseia” (p. 87).

O ponto que cerze a trama desta narrativa parece ser a noção, também tomada emprestada da história chinesa, de *self-reliance*, tradução para o termo chinês *tzu-li keng sheng* (Terrill, 1977). Mobilizado para expressar ora autodeterminação, ora suas conquistas, o termo aparece pela primeira vez no boletim de 1966, numa espécie de exortação de autoestima ante a baixa cooperação dos seus pares na formação de uma frente unida angolana:

UNITA was a force and must not be underestimated because UNITA believes in the principle of self-reliance. UNITA fights for Angolans with their help. UNITA does not fight for external recognition or help. If those are given, UNITA will accept them and will be thankful to the people who dare to help African Revolution against Colonialism and Imperialism. (Kwacha-Angola, 1966a)

O uso desta noção volta a aparecer em dois boletins de 1969 (cf. Kwacha-Angola, 1969a; Kwacha-Angola, 1969c) e em boletins de 1970, 1972 e 1973 (cf. Kwacha-Angola, 1970b; Kwacha-Angola, 1972b; Kwacha-Angola, 1973), mesmo período em que é inaugurado o uso da ideia de “longa marcha”. Sua rememoração, no II Congresso da UNITA, em 1969, tem caráter estratégico, posto que este evento marcou a reorganização do movimento e, em certa medida, seu próprio “renascimento” diante da crise anterior. Destaca-se a resolução deste congresso, de que “*The adoption and the practice of the revolutionary principle of SELF-RELIANCE was determinant in the continuation of our struggle at a time when our Party was being an easy target of imperialism all over*” (Kwacha-Angola, 1969c). Em boletim poste-

¹⁹ Sobre as capacidades objetivas da UNITA na época, transcrevo trecho de Marcum (1978, p. 217): “*In 1972, it claimed that its guerrilla force (FALA) consisted of four thousand trained men, though the Portuguese estimate of April 1974 went as low as three hundred, and a report published by the International Institute for Strategic Studies in London credited UNITA with ‘probably over 1000’.* UNITA guerrillas proved their existence by hosting occasional visiting journalists. But UNITA reportedly accounted for as little as 4 percent of the action against the Portuguese in 1970 [...] and although its guerrilla force did benefit from cooperation with elements of the South West Africa People’s Organization (SWAPO) who infiltrated through southeast Angola to the border with Ovamboland, UNITA relied largely on a little-combat, low-profile strategy focused on constructing a self-reliant political underground”.

rior indica-se que “*SELF RELIANCE is UNITA principle number one. To carry a gun is an honor, you have to deserve it. You start with sticks*” (Kwacha-Angola, 1972b).

Princípio maoísta, o termo *self-reliance* tem lugar central no pensamento de Mao Zedong, em que a UNITA se inspirou para compor sua doutrina. Segundo Terrill (1977), Mao acreditava que a força motriz da história se baseava somente no povo e que os fatores internos exerciam papel decisivo para o destino de uma nação (p. 296). No pensamento de Mao, como aponta Wu (1981), *self-reliance* funcionava como princípio econômico associado ao dilema do desenvolvimento sem sacrifício da independência política. No entanto, para além de uma política de desenvolvimento econômico, o princípio apresentava uma conotação moral:

the Chinese term itself indicates a method, and not a goal; tzu-li keng sheng literally means “regeneration through one’s own efforts”. It can be distinguished from tu-li tzu-chu which means “Independence” or “autonomy”. Self-reliance is a method with moral and even embattled overtones. Independence or autonomy is, of course, the description of a condition [...]. Self-reliance is not a fixed aim, then, but a principle of struggle for a specific situation of China’s relative weakness that now passes. (Terrill, 1977, p. 305)

Ao valorizar a conotação moral do termo, a UNITA enrijeceu a narrativa mítica de luta no interior de Angola (participação popular ativa, iniciativa local e autossuficiência) e sua oposição à “política do exílio” executada por seus antagonistas. Isso serviu diretamente aos fins de propaganda externa, uma vez que facultava uma potência ao movimento e, por que não, à própria liderança de Savimbi.²⁰ Como é indicado em diversos boletins Kwacha-Angola, a luta do exílio, a presença de bases no exterior e o apoio financeiro recebido pelo MPLA e FNLA contribuíram para o esmorecimento da luta nacionalista, desmoralização das massas oprimidas no país e corrupção. Como explica Messiant,

Ayant mené sa lutte contre le pouvoir colonial dans un extrême isolement et quasiment sans soutien extérieur parmi des populations rurales peu touchées par la colonisation, elle y a surtout soudé la cohésion de sa direction du fait des difficultés rencontrées, renforcé son idéologie maoïste originelle en tant que mode d’organisation militarisé des populations sous son contrôle, développé une idéologie de la survie et de la légitimité des moyens nécessaires à cette fin. (Messiant, 1994, p. 47)

Como discutido ao longo desta seção, essa narrativa de calvários foi gradualmente condensada na ideia de “longa marcha”. Integrando então o estoque de ar-

²⁰ Por exemplo, em artigo sobre a UNITA intitulado “*The politics of survival*”, Marcum discute se poderia existir uma UNITA sem Savimbi. Em sua análise, embora houvesse outras lideranças e bases explicativas para o apoio ao movimento, “*UNITA’s durability has rested in some measure on the sheer power of the Savimbi myth, his remarkable capacity to survive*” (1983, p. 3).

tefatos culturais da UNITA, esta narrativa foi utilizada em ao menos duas outras ocasiões. Dramatizado como alvorecer de uma nova era, o uso mais referenciado – e talvez por muitos o único conhecido – ocorreu entre 1976 e 1977, quando a UNITA foi expulsa do Huambo pelas forças do MPLA e Cuba e obrigada a se refugiar nas chamadas “Terras do Fim do Mundo”, onde fundou, posteriormente, o quartel-general da Jamba. Enquanto esta “longa marcha” inaugurou a era de expansão militar do movimento – anos 1980 –, a seguinte anunciou sua tragédia. Em 1999, após ter sido expulsa de suas bases no sul do país, como conta Alcides Sakala (2006) em sua autobiografia, guerrilheiros do Galo Negro marcharam em fuga em direção à província do Moxico onde, ironicamente, a UNITA foi fundada em 1966, com o objetivo de se reorganizarem e encetarem novas negociações com o governo. Perseguidos pelas Forças Armadas de Angola, o movimento foi esmorecendo ao longo do caminho. Com a morte de seu líder fundador, Jonas Savimbi, em 22 de fevereiro de 2002, chegou ao fim mais uma guerrilha do século XX.

Conclusão

Como exposto ao longo deste artigo, a atuação da UNITA na guerra de independência de Angola foi mediada por estratégias de equiparação e diferenciação, que se fizeram necessárias, de um lado, para justificar sua existência, e de outro, para angariar apoio internacional para o seu projeto, fundamentalmente por parte da Organização da Unidade Africana. Uma das frentes de atuação foi formalizada nos conteúdos apresentados no boletim de informação Kwacha-Angola, que tinha como alvo de propaganda um público internacional. Da análise de 14 boletins da UNITA que percorrem, com exceção do ano de 1967, o período de 1966 a 1973, destaquei três operações simbólicas, que juntas, compuseram o enredo de uma narrativa de excepcionalidade em torno da trajetória da UNITA.

Em primeiro lugar, a UNITA criou dois vocabulários de motivos, um de “legitimidade”, que justificava sua fundação a partir da ineficiência e baixa legitimidade da atuação de MPLA e FNLA (diferenciação) e circunscrevia sua trajetória em uma tradição de luta angolana (equiparação), e outro de “eficácia”, que exprimia os únicos pontos que permitiriam a libertação nacional de Angola: a luta armada baseada no povo e organizada a partir do interior do país (diferenciação). Em segundo lugar, a UNITA elencou um evento inaugural para sua ação, o ataque à vila de Teixeira de Sousa em 25 de dezembro de 1966, buscando equipará-lo aos marcos do nacionalismo angolano: o 4 de fevereiro de 1961, associado ao MPLA, e o 15 de março de 1961, associado à UPA/FNLA (equiparação). Em terceiro lu-

gar, a UNITA dramatizou determinados pontos de sua trajetória como calvários, que gradualmente tomaram a forma de uma “longa marcha” (diferenciação). Conjugados, todos os três integraram a representação de sua trajetória como uma experiência mítica e, ao fim ao cabo, excepcional.

Ao longo do processo de construção desta narrativa um ponto merece elaboração: a forma como a UNITA reconverteu pontos negativos em pontos positivos, como foi o caso das faltas de apoio internacional, armamentos, e reconhecimento, pontos estes referenciados e, finalmente, formalizados na narrativa de “longa marcha”. Interligados entre si, os pontos que constituíram a narrativa excepcional da UNITA resultaram em uma narrativa que passou a constituir elemento de sua caixa de ferramentas (Swidler, 1986), isto é, um estoque de artefatos de sua memória coletiva a ser resgatado em momento oportuno. Uma tal narrativa funcionou como mito fortificador do movimento, “elemento ideológico que permite aos ativistas enquadrar derrotas de modo inteligível para que a crença na eficácia do movimento seja sustentada até que surjam novas oportunidades políticas” (Voss, 1996, p. 253, tradução nossa). Período pouco explorado na literatura sobre a UNITA, parece, entretanto, fundamental resgatar as origens do movimento e observar em que medida elementos forjados nesse período navegaram ao longo do tempo e contribuíram, com outras roupagens, às diversas transfigurações experimentadas pela UNITA ao longo da guerra angolana.

Referências

- Alexander, J. (2018). Vociferando contra o Iluminismo: A ideologia de Steve Bannon. *Sociologia & Antropologia*, 8(3), 1009-1023.
- Alonso, A. (2012). Repertório, segundo Charles Tilly: História de um conceito. *Sociologia & Antropologia*, 2(3), 21-41.
- Beck, T. (2012). *The normality of civil war. Armed groups and everyday life in Angola*. Campus Verlag.
- Benford, R. D. (1993). "You could be the hundredth monkey": Collective action frames and vocabularies of motive within the nuclear disarmament movement. *The Sociological Quarterly*, 34(2), 195-216.
- Benford, R. D., & Hunt, S. A. (1992) Dramaturgy and social movements: The social construction and communication of power. *Sociological Inquiry*, 62(1), 36-55.
- Bittencourt, M. (1999). *Dos jornais às armas: Trajetórias de contestação angolana*. Veja.
- Bittencourt, M. (2011). Fissuras na luta de libertação angolana. *Métis: História & Cultura*, 10(19), 237-255.
- Bridgland, F. (1988). *Jonas Savimbi: Uma chave para a África*. Perspectivas & Realidades.
- Brinkman, I. (2011). Changing concerns, changing messages: UPA pamphlets and politics in Northern Angola, 1960-62. *Portuguese Studies Review*, 19(1-2), 293-310.
- Brinkman, I. (2015). 'The time of the leaflet': Pamphlets and political communication in the UPA (Northern Angola, around 1961). *Africa*, 85(2), 221-244.
- Burke, K. (2018). *Revolutionaries for the right. Anticommunist internationalism and paramilitary warfare in the Cold War*. University of North Carolina Press.
- Chaves, R. (2019). Autobiografias em Moçambique: A escrita como monumento. *Revista de História*, 178, pp. 1-22.
- Chiwale, S. (2011). *Cruzei-me com a História*. Sextante.
- De Oliveira, R. S. (2015). *Magnificent and beggar land: Angola since the civil war*. Oxford University Press.
- Dowbor, M., & Szwako, J. (2013). Respeitável público...: Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. *Novos estudos CEBRAP*, 97, pp. 43-55.
- Fine, G. A. (1995). Public narration and group culture: Discerning discourse in social movements. In H. Johnston, & B. Klandermans (Eds.), *Social movements and culture* (pp. 127-143). University of Minnesota Press.
- George, E. (2005). *The Cuban intervention in Angola, 1965-1991: From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. Frank Cass.
- Gleijeses, P. (2002). *Conflicting missions: Havana, Washington, and Africa, 1959-1976*. University of North Carolina Press.
- Guimarães, F. A. (2001). *The origins of the Angolan civil war: Foreign intervention and domestic political conflict*. Palgrave Macmillan.
- Heywood, L. (1989). Unita and ethnic nationalism in Angola. *The Journal of Modern African Studies*, 27(1), 47-66.
- Heywood, L. (1998). Towards an understanding of modern political ideology in Africa: The case of the Ovimbundu of Angola. *The Journal of Modern African Studies*, 36(1), 139-167.

- Heywood, L. (2000). *Contested power in Angola, 1840s to the present*. University of Rochester Press.
- Hodges, T. (2002). *Angola: Do afro-estalinismo ao capitalismo selvagem*. Principia.
- Kwacha-Angola. (1966a). ANTT, PIDE/DGS, Delegação de Luanda, P. 110.00.121, NT 2578, pasta 2, fls. 57-60.
- Kwacha-Angola. (1966b, dezembro, nº 5). ANTT, PIDE/DGS, F. G., 6573, NT 7445, V. 2, fls. 805-812.
- Kwacha-Angola. (1968, janeiro-fevereiro). Cairo, v. 1, nº 2.
- Kwacha-Angola. (1969a, janeiro). Cairo, nº 1. ANTT, SCCIA, Processo 72, NT 241, fls. 73-81.
- Kwacha-Angola. (1969b, junho). Londres, nº 2.
- Kwacha-Angola. (1969c, outubro). Special Issue, Cairo, nº 2.
- Kwacha-Angola. (1970a). Londres. ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, P. 6573 SC CI (2), NT 7447, V. 4, fls. 716-724.
- Kwacha-Angola. (1970b, junho). Londres, nº 4.
- Kwacha-Angola. (1970c). Londres. ANTT, SCCIA, N. 97, NT 246, fls. 11-24.
- Kwacha-Angola. (1971, junho). Londres, nº 7.
- Kwacha-Angola. (1972a, julho-agosto). Londres, nº 9.
- Kwacha-Angola. (1972b). Londres, Special edition.
- Kwacha-Angola. (1973, janeiro-abril). Londres, English-French edition.
- Malaquias, A. (2000). Ethnicity and conflict in Angola: Prospects for reconciliation. In J. Cilliers, & C. Dietrich (Eds.), *Angola's war economy. The role of oil and diamonds* (pp. 95-114). Institute for Security Studies.
- Marcum, J. (1975). The anguish of Angola: On becoming independent in the last quarter of the twentieth century. *A Journal of Opinion*, 5(4), 3-11.
- Marcum, J. (1978). *The Angolan Revolution. Vol. 2: Exile politics and guerrilla warfare (1962-1976)*. The M.I.T. Press.
- Marcum, J. (1983). The politics of survival: UNITA in Angola. *Africa Notes*, 8, pp. 1-5.
- Martins, V. (2015). *The plateau of trials: Modern ethnicity in Angola*. Tese de doutoramento, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Mbah, J. M. A. (2010). *As rivalidades políticas entre a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), 1961-1975*. Mayamba.
- Messiant, C. (1994). Angola, les voies de l'ethnisation et de la décomposition (1ere partie). *Lusotopie*, 1, pp. 155-210.
- Mills, C. W. (1940). Situated actions and vocabularies of motive. *American Sociological Review*, 5(6), 904-913.
- Minter, W. (1994). *Apartheid's contras. An inquiry into the roots of war in Angola and Mozambique*. Zed Books.
- Mulato, E. (2014). *Do Bembe a Luanda. Um percurso pela democracia em Angola*. João Marques.
- Pearce, J. (2015). *Political identity and conflict in central Angola, 1975-2002*. Cambridge University Press.
- Pélissier, R. (1978). *La colonie du Minotaure. Nationalismes et révoltes en Angola (1926-1961)*. Éditions Pélissier.

- Polletta, F. (1998). Contending stories: Narrative in social movements. *Qualitative Sociology*, 21(4), 419-446.
- Puna, M. M. N. (2019). *Mal me querem*. Guerra & Paz.
- Reno, W. (2011). *Warfare in independent Africa*. Cambridge University Press.
- Sakala, A. (2006). *Memórias de um guerrilheiro*. Dom Quixote.
- Savimbi, J. M. (1979). *Angola: A resistência em busca de uma nova nação*. Agência Portuguesa de Revistas.
- Shigwedha, V. A. (2014). The relationship between UNITA and SWAPO: Allies and adversaries. *Journal of Southern African Studies*, 40(6), 1275-1287.
- Snow, D. A., & Benford, R. D. (1988). Ideology, frame resonance and participant mobilization. *International Social Movement Research*, 1, pp. 197-217.
- Swidler, A. (1986). Culture in action: Symbols and strategies. *American Sociological Review*, 51(2), 273-286.
- Tarrow, S. (1992). Mentalities, political cultures, and collective action frames: Constructing meanings through action. In A. Morris, & C. Mueller (Eds.), *Frontiers in social movement theory* (pp. 174-202). Yale University Press.
- Terrill, R. (1977). China and the world: Self-reliance or interdependence? *Foreign Affairs*, 55(2), 295-305.
- UNITA Central Committee. (1968). ANGOLA- Seventh Year. ANTT, PIDE/DGS, F. G., 6573 CI (2) NT 7446, V. 3.
- Voss, K. (1996). The collapse of a social movement: The interplay of mobilizing structures, framing, and political opportunities in the Knights of Labor. In D. McAdam, J. D. McCarthy, & M. N. Zald (Eds.), *Comparative perspectives on social movements: Political opportunities, mobilizing structures, and cultural framings* (pp. 227-258). Cambridge University Press.
- Wheeler, D., & Pélissier, R. (1971). *Angola*. Praeger.
- Wu, F. W. Y. (1981). From self-reliance to interdependence? Developmental strategy and foreign economic policy in post-Mao China. *Modern China*, 7(4), 445-482.